

Programa Jovem Monitor/a Cultural – PJMC

ESCRITOS

e

imaginários





A periferia não é um cancer da sociedade, a periferia só quer educação, cultura, lazer, saúde, respeito, dignidade

ao ser abraçado por um deles... pois até então eu havia me educado para manter uma distância física

transformamos o bar do Zé Batidão num centro cultural.



A bola pouco importa

Nesse momento, um neurônio ergue o braço

Matemática das Relações

*minha cor
"minha" classe

Terreiro, terrenos e terras
Expulsos e desapropriados



ESCRITOS

e

imaginários

Programa Jovem Monitor/a Cultural – PJMC

ESCRITOS e imaginários

2015

Programa Jovem Monitor/a Cultural – PJMC

REALIZAÇÃO

Instituto Pólis

APOIO

Centro Cultural da Juventude (CCJ)

Ação Educativa

COORDENAÇÃO EDITORIAL E EDIÇÃO

Hamilton Faria e Valmir de Souza

AUTORES/AS

Abner Wilguer Rosa

Ana Carolina S. M. Mazzotini

Aymée Beatriz Vicente

Bruno Bezerra Trindade

Caio Ceragioli

Caio Huzak

Camila Araújo

Carlos Goff

Cleber Vieira

Igor Valentin

Jéssica Inácio da Costa

Júlia Figueiredo Murta de Araújo

Juliana Frade

Kamila Oliveira

Larissa Pinna

Marcos Antonio Leite

Mariana Silva

Mirna Neit Félix

Octávio Bessa Luna

Rafael Vitor da Silva

Vitor Augusto Luz da Cruz

Wilson Lopes Neto

ORGANIZAÇÃO

Valmir de Souza

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Altair Moreira

Andréia Alves

David Oliveira

Felipe Nicassio

Iraci Oliveira

Janaína Santana

Leandro Noronha da Fonseca

Luis Carlos Ferreira

Luiz Barata

Marcelo Freitas

Martha Lemos

Tania Maria Maselli

Wanda Martins

Yasmim Nóbrega

FOTOS DE GRAFITES

Leandro Noronha da Fonseca

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves de Souza

DIAGRAMAÇÃO

Luisa Nasraui | Tipográfico Comunicação

REVISÃO

Hamilton Faria e Valmir de Souza

AGRADECIMENTOS

Secretaria Municipal de Cultura/SP

Centro Cultural da Juventude

Jovens monitores/as do PJMC

Equipe Pólis do PJMC

Equipe Ação Educativa do PJMC

ESCRITOS

e

imaginários

Programa Jovem Monitor/a Cultural – PJMC

São Paulo, 2015

Apresentação

Esta publicação é composta de produções culturais de participantes do Programa Jovem Monitor/a Cultural (PJMC), da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sob a coordenação do Instituto Pólis.

Este não é um livro temático, e traz visões multifacetadas de autores/as e artistas jovens, constituído de obras inaugurais de agentes culturais que pensam, contestam e expressam seus sentimentos e sentidos. Durante o curso de um ano, aparecem revelações artísticas em textos que remetem a vivências, experiências e reflexões. Com um repertório amplo, os textos e imagens são de variados tons e temas e abordam as condições existenciais e sociais do ser jovem numa grande metrópole, com um olhar crítico e criativo.

Nessas produções, vê-se a inquietação de agentes culturais que querem mudar as coisas, transformando a realidade bruta que se apresenta em suas mais variadas versões. Promovem reflexões sobre o fazer cultural de jovens das periferias. O fluxo leve das obras mostra uma capacidade de se encantar e de se indignar, e ver a cidade com outros olhos, desde a periferia até o centro e vice-versa. Nelas, os espaços urbanos se apresentam de forma contundente, evidenciando a cidade como um campo de disputas simbólicas, culturais e sociais. Oriundos das mais diversas regiões da cidade de São Paulo, os/as jovens elaboram uma teia poética viva e dinâmica.

O livro é composto por duas partes: Escritos e Imaginários.

Na primeira parte, jovens escritores/as que se apresentam com suas próprias palavras, em escritos inéditos, que não podem ser contidos por uma grade teórica fora do texto e da vida. Colocam-se contra o que lhes é imposto e propõem outras maneiras de olhar e viver os territórios e espaços sociais. Uma insurgência que atualiza tradições poéticas da cidade, ainda que talvez sem essa intencionalidade concretizada numa diversidade de escritas com grafias e sinais muito próprios e, ao mesmo tempo com referências das redes sociais

Na segunda parte, o livro traz imagens, desenhos e fotografias produzidas ao longo de um ano. Essas obras expressam vários momentos da vida de jovens. Algumas fazem emergir imaginários hipercriativos, outras registram o cotidiano, sempre como forma de intervenção e interação com o real.

Enfim, são criações ecléticas e não passaram por nenhum tipo de seleção, já que foram escolhas dos/as jovens. Assim, procuramos não dar uma unidade artificial, mas caminhar com os textos e as imagens conforme foram apresentados e procurar construir trilhas afetivas e criativas na cidade.

Esperamos que esta publicação contribua para a circulação de produções culturais juvenis da cidade de São Paulo.

Valmir de Souza

PROFESSOR, ENSAÍSTA, DOUTOR EM TEORIA LITERÁRIA E
CONSULTOR DE POLÍTICAS CULTURAIS DO INSTITUTO PÓLIS

ESCR

8 Mirna Neit Félix

10 Igor Valentin

12 Ana Carolina S. M. Mazzotini

16 Octávio Bessa Luna

18 Marcos Antonio Leite da Silva

20 Rafael Vitor da Silva

22 Caio Ceragioli

26 Caio Huzak

28 Camila Araújo

30 Carlos Goff

32 Bruno Bezerra Trindade

itros



34 Diário de bordo de Aymée Beatriz Vicente

36 Diário de bordo de Vitor Augusto Luz da Cruz

39 Diário de bordo de Júlia Figueiredo Murta de Araújo

Das ruas noturnas de São Paulo
Só restam o silêncio, o lixo e o desgaste
Um corpo abandonado,
No chão gelado... de um metrô qualquer
São muitos os passos desesperados,
Mas nenhum olhar preocupado se quer.
É muito sono, muita indiferença,
Cada qual em seu pensamento,
Com seus problemas, suas crenças.

No outro homem, o seu mau cheiro
incomoda mais que sua solidão
O barulho da corrente agora é outro
A submissão é consciente,
A felicidade é ilusória
Mas a dívida é verdadeira

É tanto rosto, tanta gente,
cada um, um fragmento
Em cada olhar tem um tormento
Uma inquietação, um estranhamento
São olhares calados que dizem pra você:
"Já não se faz o que queres, mas ainda,
Há de ser tudo da lei"

Mirna Neit Félix

E se nem pessoa comove,
Imagine o bicho que sofre!
Implorando por atenção, com fome, frio
Precisando de proteção...
E se vê que cansaço alheio, torna-se desatenção
Individualismo e desespero
Que ignoram o pobre cão

E é chegando no destino que lanço a reflexão:
O que será do homem abandonado e do triste cão?
O que se espera dessa vida regada de ilusão?
É tanto rosto, tanta gente
Mas ninguém pra chamar de irmão
É a desigualdade o desgaste
O sofrimento pelo pão.

ESCRITOS



Mirna Neit Félix

21 ANOS (14/03/1994), NASCIDA E CRIADA EM SALESÓPOLIS. ATUALMENTE MORO SOZINHA NO BAIRRO DA LIBERDADE EM SÃO PAULO. NÃO ME DEFINO COMO ALGO OU ALGUÉM, ESTOU EM CONSTANTE PROCESSO DE MUDANÇA! NADA NA VIDA É CONSTANTE E EU ESTOU NESSE MEIO DE INCERTEZAS. O QUE SEI SOBRE MIM ATÉ AGORA É QUE MINHA VIDA É FEITA DE LUTA E SONHO, SENDO ESTES O FEMINISMO, BRUXARIA, UM PENSAMENTO LIBERTÁRIO QUE TRANSCENDE AS CRIAÇÕES MUNDANAS, MUSICISTA, MULHER, PANSEXUAL. E TUDO O QUE SOU AOS POUCOS SE JUNTA: CANTO MÚSICAS QUE REFLETEM MINHA LUTA E FAÇO DELA MEU TRABALHO, MINHA VIDA E MINHA MISSÃO. POR ENQUANTO, SOU ESSE ROLO DE COISAS. JOVEM MONITORA NO TEATRO DÉCIO DE ALMEIDA PRADO.

Fragmentos de uma dramaturgia poética

"Prometeu Erê", 2014

Eu era moleque de laje
de uma a outra, a sós
à margem
Experimentando as
sensações de liberdade
e de poder ter no alto
as aventuras e
descobertas do céus
e aléns do bairro.

Certo mesmo de que
podia voar com os pés
escalando uns tantos
muros altos
tijolinho baiano furado
um pouco de sorte na
descida
cortando e ralando os
braços
os meninos e meninas
Todxs em fila
Correndo pelas vielas
estreitas
mal iluminadas
asfaltadas
caladas
(...)

Igor Valentin

Tocava um som...
a fumaça dos cigarros
e a adrenalina
de voltar a correr
e passar
pelos córregos
atravessar para o bairro
do lado
e romper com fronteiras
da cidade
romper as próprias
fronteiras
esquecer por um
momento
o número que
corresponde
a identidade

navegar os próprios
mares
e enfrentar a
tempestade...

No retorno pra casa
a comida cheirava...
um café...



Igor Valentin

É ATOR E PRODUTOR CULTURAL. INICIOU SUA CARREIRA EM 2000, EM UM GRUPO DE TEATRO AMADOR E DESDE ENTÃO MONTOU DIVERSOS ESPETÁCULOS. HOJE REALIZA GESTÃO DE EVENTOS, CURADORIA E COORDENA PROJETOS CULTURAIS COMO MOSTRA DE TEATRO, DANÇA, FESTIVAL DE POESIA, ALÉM DE TER PARTICIPADO, EM 2014/15 DO PROGRAMA JOVEM MONITOR CULTURAL DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, EM PARCERIA COM O INSTITUTO PÓLIS.

MINHA CLASSE MINHA COR

minha classe minha cor
minha classe minha cor
minha classe minha cor
não posso falar
não sei quem eu sou
minha classe minha cor
minha classe minha cor
é clichê dizer
que não pedi pra nascer

mas o que fazer
quando se quer crescer
sem esquecer o Á Be Cê
da humanidade
da vida além do umbigo
o que fazer se estar em luta social
acaba virando sempre uma luta comigo
o que fazer
se quero crer
que falando e agindo
sou melhor do que calada
mas o carro do pai me precede
me persegue
e toda essa vontade-atividade
passa a não valer de nada

minha" classe ~minha cor
minha~ classe minha* cor
minha classe "minha cor
quem me criou
não pro-criou
em mim a ganância
nem a ignorância

enxergo a merda, a cilada
de todo o passado
de roupa passada
pela empregada
Sonia, Lucinha, Jane, Claudinha, Sil.
essas mulheres que entraram
pela porta da cozinha
são o retrato trágico e exato e escan-
carado
do Brasil.
umas viraram amigas,
uma virou a semana
e família nem viu.

já tentei conversar
todo dia questionar
inclusive já caí, de verdade
tamanha a dificuldade
de conseguir me posicionar,

Ana Carolina S. M. Mazzotini

de me levantar, ouvir, falar,
de entrever o meu lugar
no meio disso tudo
desse abismo, desse absurdo:
raça classe muro escudo.

não quero carregar essa casa
grande nas costas
e parece infinita a busca por respostas.

“minha” classe
minha cor
minha~ classe
*minha cor
repito outra vez
que não é chorume de burguês.
eu não topo ser freguês
desse mundo
que até inglês vê
que tá uma merda
e que pra mudar
a luta é certa
a trilha incerta
o jeito, estar esperta
orelha ereta
atenta atenta atenta atenta atenta
atenta
tentando ver ouvir receber é só
então agir
e só assim agir
pra re agir

minha classe
~minha cor
minha’ classe
*minha cor
“minha” classe
minha cor
senhor doutor
mundo cão que
me vê com tanto amor
só por causa
da ~minha classe
e da minha* cor:

eu não quero ser esse
ser atrás do muro
juro
é obscuro
demais
pensar que tudo que alguém traz
ele ou ela vai querer saber reproduzir
pensar que 100% “dessa gente”
quer mesmo é rir
e defender privilégio

eu não! eu quero um outro colégio
onde quem teve o acaso genético
de poder respirar dormir bem e
estudar
sem ter que se preocupar
vai sentar no último lugar e escutar

vai aprender a pensar junto
sobre qual é seu lugar
no realejo cortejo irado
da revolução
pra tirar esses verbos do infinitivo
e transformar em presente,
o compromisso é definitivo.
perfeita? correta? inteligente? eu não!

erro muito o tempo todo
mas se erro, também revejo
sem pedido de desculpa
porque acredito não na culpa,
mas na responsabilidade
e quero demais assumir as minhas

o que me motiva todo dia
a sair da cama e olhar o espelho,
é que além da pele e do berço
sou também esse cabelo
sou também meu coração
sou também meu cerebelo
sou aquilo onde escolho por a mão
na massa
sou também a fumaça
da fritação mental
comportamental diária
pra não me tornar
patricinha mimada
canalha arbitrária
folgada ordinária

indivíduo ou coletivo?
o que te explica
o que te orienta
o que te define? o que te defende:
a pergunta que não cala.
não calava na Pólis antiga
e hoje é que não cala mesmo
em nenhum condomínio
e em nenhuma periferia

peço algo!
talvez um favor,
talvez gentileza:
mas que entre os nós
possa haver menos dor
e ser vista alguma beleza

no encontro, com alguns quens
que apesar de se encaixarem
no que a sociedade topa olhar
não
vieram
bater.
e também não querem apanhar.

peço, se não for demais
uma possibilidade de mãos dadas
olho no olho, fala na cara.
porque o rancor, pra crescer,
basta ser alimentado.

e eu não tô aqui de braço cruzado.
tô aqui - aqui na vida
com total disposição
e tesão
de ser mulher
o suficiente
pra recuar SEMPRE
que necessidade houver.

e mostrar que se eu tiver
algum valor
ele vem de onde eu posso
ser eu, trocar e aprender

e não disse que aprendemos no
mundo a ver
como rótulo e com pavor:

isso,
isso mesmo -
~minha classe
e *minha" cor.

03/02/2015

Ana Carolina S. M. Mazzotini

ME ENTENDO COMO CIRCUNSTÂNCIA, NÃO COMO
ESSÊNCIA. DENTRO DISSO QUE ESTOU HOJE, CABEM:
22 ANOS DANDO VOLTA NO SOL (E OS ÚLTIMOS
CINCO INCLUEM VOLTAS PELA FACULDADE NO CURSO
DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS); UMA HISTÓRIA DE
AMOR SEMPRE EM IDAS E VINDAS COM DANÇAS;
SENSAÇÃO DE SER EM TRÂNSITO; DUAS GATAS
QUERIDAS; VONTADE LOUCA DE APROXIMAÇÃO E
TROCA; IRMÃ LINDA; O DESAFIO DE SER MENOS
INCONSTANTE; UMA FAMÍLIA BEM PRÓXIMA CHEIA
DE OUTRAS ANAS QUE FALAM ALTO E ABRAÇAM. O
PROCESSO DE ESTAR JOVEM MONITORA, JUNTA
COM OUTRES JOVENS E PARTICIPANDO DA GESTÃO DO
PROGRAMA AGENTE COMUNITÁRIO DE CULTURA - E
POR ISSO CIRCULANDO NO NÚCLEO DE CIDADANIA
CULTURAL - VEM ATIVANDO UM CURTO CIRCUITO DE
TRANSFORMAÇÃO MUITO FORTE EM MIM.

CONFLITO MEUS GRITOS

Esse fino que tá no meu bolso
fica, a cada minuto, mais grosso
Porque a aula é chata e meu corpo
pede alvoroço.

Pra aprender prefiro estar à vontade
de olhos vermelhos, com a boca seca
pronto pra rir se livre me sentir

Diversidade,
não respeita minha cultura
Aquela lei que tu dita
Dura
em você

Outras ideias
tô querendo propor
e tu finge não perceber

Me coço pra não correr
e sair derrubando todas essas cadeiras
Destruindo esse formato
de professores e freiras

Eu faço poesia, danço, até cheiro farinha
enquanto a musculatura atrofia
sentado numa sala sem graça, superaquecida
alguém me explica
o seu parecer

sem divergir
sem resolver o conflito
harmonia também é grito!

Octávio Bessa Luna

Sem uniforme de Artista

na padaria da Lapa,
de roupa larga, cara de sono e gorro
levantei suspeita,
pois olhava os preços e as datas de validades nas bandejas.
depois dos pegue e pague
pergutaram, pelo bem do patrão,
és pago
o que levas em seu bolso, seu moço?

Sem alvoroço,
mostrei-lhe minha carteira.
deixando cair o bilhete de metrô

Na lojinha,
da rua erva daninha,
cabelo bem tratado, barba aparada,
paletó sem gravata e sapatos brilhantes
passei adiante, com pouco retorno,
dez pilas de outro bolso, de outra calça,
menos suja, larga, velha e amarrotada,
ou a aparência é quem mais alto fala

Octávio Bessa Luna

JOVEM MONITOR CULTURAL NO
TEATRO CACILDA BECKER.

SE HOJE SOU EU
AMANHÃ NÃO SOU MAIS
QUEM EU ERA ONTEM?

Caminhos do Destino

Por alguns caminhos em
algumas andanças

Eu falo de coisa que cultivo
hoje e desde criança

Por vários caminhos ainda
irei passar

Por ruas, avenidas, vielas e
alamedas

Nestes caminhos, desafios e
missões

Várias vivências

Diferentes situações

Sendo assim

Que o mal seja menor

Que o amor seja maior

E que ele faça sua morada
em todos ao meu redor

Eita ciclo diverso este em
que vivemos

Com caminhos enormes

E outros caminhos pequenos

Creio eu que todos eles têm
os seus significados

Alguns farão sentido no
futuro

Marcos Antonio Leite da Silva

Outros talvez não tenham
feito no passado

Então se atente aos faróis
E se for relevante deixe que
as cores falem por nós

Mas sem essa de isto não
pode ou aquilo não é
permitido

Se joga mesmo sendo o
caminho mais comprido

Pois como já disse o poeta
naquele som

Eu tenho pena daqueles que
se agacham até o chão
Iludindo a si mesmo por
dinheiro ou posição

“Eu nunca tomei parte deste
enorme batalhão”

Pois seis que além de flores
Nada mais vai no caixão.

ESCRITOS



Marcos Antonio Leite da Silva

NATURAL DA CIDADE DE CACOAL, RONDÔNIA, NASCEU NO DIA 13 DE JUNHO DE 1987. FILHO DOS PARANAENSES CLEUSA BACAGINI LEITE DA SILVA E GERALDO ANTONIO DA SILVA. MIGRANDO DE RONDÔNIA PARA SÃO PAULO, SUA FAMÍLIA FOI MORAR NA CASA DOS AVÓS PATERNOS NO BAIRRO JARDIN MIRIAM, ZONA SUL. ENCANTADO COM A MÚSICA RAP QUE OUVIU NA ZONA SUL, O RAP DO COLARINHO BRANCO E RACIONAIS MC,S MARCOS LOGO NA JUVENTUDE FICOU FASCINADO COM O UNIVERSO DO MOVIMENTO HIP HOP QUE CONHECEU ATRAVÉS DE OUTRO UNIVERSO MÁGICO, O DO SKATE NO ANO DE 1998. ENTRE UMA MANOBRA DE SKATE E OUTRA COMEÇOU A FAZER GRAFFITI NA RUA COM ALGUNS AMIGOS DO BAIRRO. HOJE AOS 28 ANOS DE IDADE, AINDA MORA NA CIDADE. MARCOS DESENVOLVE UMA SÉRIE DE TRABALHOS ARTÍSTICOS TANTO NO UNIVERSO DO GRAFFITI COMO NO DA FOTOGRAFIA, OUTRA ARTE LINDA QUE CONHECEU ATRAVÉS DO GRAFFITI NO ANO DE 2012; ASSINA O VULGO DE MOLUÇO NAS RUAS E ATUA NAS CREWS DE GRAFFITI OTM: OPERAÇÃO TINTA NO MURO E LOWS: LOUCURA CREW, É TAMBÉM FOTÓGRAFO AMADOR E AINDA TRABALHA COMO PRODUTOR CULTURAL NO CENTRO DE FORMAÇÃO CULTURAL CIDADE TIRADENTES, ONDE ATUOU POR UM ANO NO PROGRAMA JOVEM MONITOR CULTURAL, PROGRAMA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. MARCOS SE CONSIDERA UM SER HUMANO FELIZ E EM CONSTANTE PROCESSO DE EVOLUÇÃO E APRENDIZADO NA VIDA.

Nos pés a bola não rolou
Tão pouco se interessou
Como ser menino
Que não gosta de bola
Que ia com as meninas pra escola
Que escutava dos vizinhos e de fora
Esse menino é boiola
Tão pouco entendia
Ora bolas, pra ser menino tem que gostar de bola?
O menino que hoje é moço
Com muito esforço se colocou no mundo louco
Se apropriou dos seus gostos
E se de outro moço ele gosta
O mundo ainda se importa
Sem muita resposta
O moço se coloca
E aposta:
A bola pouco importa

Rafael Vitor da Silva

OLHARES AO LESTE

SÃO PAULO AMANHECEU
TROUXE A SEGUNDA-FEIRA
NA LÍNEA AZUL DO METRÔ

○ ENTRA E SAI DE PESSOAS A CADA ESTAÇÃO

BALDEAÇÃO

ESTAÇÃO LUZ

EMBARQUES E DESEMBARQUES

A CIDADE SE MOVIMENTA

AS PESSOAS SE CRUZAM, CRUZAM OS OLHARES
NO INFINITO DO SEU PARTICULAR, DO MEU PARTICULAR

SEGUIMOS VIAGEM

DESTINO ZONA LESTE

VEJO PESSOAS DO BEM
CHEGANDO EM MEU DESTINO

CIDADE TIRADENTES

CIDADE DE GRANDES HISTÓRIAS

SEUS GUERREIROS E SUAS TRAJETÓRIAS

ESCRITOS

Rafael Vitor da Silva

CRESCI NA ZONA NORTE DE SÃO PAULO, NO BAIRRO DE TAIPAS. TENHO 23 ANOS, SOU NEGRO E GAY.

MINHA CAMINHADA É FIRME E DE RESISTÊNCIA. DIZEM QUE A BOCA FALA O QUE O CORAÇÃO TÁ CHEIO, MEU CORAÇÃO ANDA BEM CHEIO...ÀS VEZES MINHA BOCA NÃO FALA, MAS A ESCRITA SEMPRE ME ENCONTRA; E É NELA, NA ESCRITA, QUE EU ME PERMITO ESVAZIAR AS GRAÇAS E AS ANGÚSTIAS QUE O MEU CORAÇÃO SE ENCHE.

Jovem Monitor Cultural no Teatro Décio de Almeida Prado.

A Matemática das Relações ou Na vida, 1+1 vale mais que 500!?

Duas crianças brincam no chão, no meio da terra.
Uma delas, um pouco mais velha e segura de si, diz pra outra:
— “Quantes amigos” você tem?!

A outra se surpreendendo com a pergunta, pois nunca havia parado para pensar nessa quantidade e faz um breve silêncio, contando nos dedos da mão. A primeira criança começa a rir antes mesmo que a outra termine de contar. Esta, impaciente, diz: — uns 7.

A risada da criança mais velha se torna ainda maior.
Ela para o que está fazendo, limpa as mãos na calça e corre em direção a sua casa. Instantes depois, volta carregando um notebook, com a página de seu facebook aberta e diz:

“Olha, tenho 756 “amigos” e estou pensando em adicionar mais algumas pessoas. Vejo aqui do lado algumas sugestões,

A criança mais nova, assustada ainda com o número de “amigos” que lhe fora apresentada, pergunta embasbacada: — nossa, mas 756 é muita gente, não?! Como você conheceu todo mundo?!
Você conversa com “todes”?!

“ hahahahaha... é claro que não” responde a mais velha.

– Então porque você diz que todas essas pessoas são suas amigas?!
“retruca a mais nova.

Porque meu pai diz que ter números altos é a coisa mais importante de todas!

Conclui a crianças mais velha olhando a páginas de “amigos sugerides” e adicionando mais 5 pessoas.

NA BRUTA FLOR DO QUERER,
O BRUTAL PENSAMENTO SALTA
QUERENDO OU NÃO

Queria não pensar o que eu penso.
Queria pensar que não houve descaso.
O caso é que o pensamento voa solto.
Num salto, ele vem como quando um martelo acerta a cabeça de
um prego. Não nego, queria apenas um pensamento mais brando.
Queria uma conversa em tempo hábil.
Queria a habilidade de um diálogo sincero.

Sinceramente, não foi o que houve. Ouves?!
Silêncio total na Primavera. Viram?!
Não havia o que ver.
No mais, me sobram palavras, poesia.
Queria que elas me bastassem. Basta, bruta flor do querer.
O cansaço me assola e não desgastarei meus sapatos em atos
que gastos São.
Em vão, queria não acreditar que são.

Potere ou Eu Posso, Tu Podes, Ele Pode

Sempre sou prolixo e faço textos enormes.

Dessa vez, me faltam palavras e sobram tristezas,
desesperanças e decepções

Serei breve, bastante breve.

Falo sobre poder. Não a força que faz com que uma pessoa seja mais forte que outra, muito embora até coubesse falar sobre isso, mas falo do verbo.

Então, sou advertido por Foucault: — Tenhas cuidado, Caio, lembra-te que poder é mais estratégia do que uma propriedade!

Mando esse francês ficar quieto e retorno ao meu ponto central: poder enquanto verbo.

Verbo de ação presente, de tomada de consciência de empoderamento: Eu posso!

Verbo de projeção de ação futura, de sonho: Eu poderei.

Verbo de constatação de um passado triste: Eu poderia!

Poderia o Programa ter agido diferente?! Poderia.

Poderia ter considerado que as/os jovens monitoras/es que nele estão queriam continuar por mais um ano?! Poderia.

Nesse momento, um neurônio ergue o braço e diz:

— mas tu, Caio, poderás continuar no programa, não?!

Poderei! Poderei passar pelo processo seletivo novamente. Poderei!

Poderei não passar também. Poderei!

Algo do lado esquerdo do meu corpo, aproveitando o embalo do neurônio, fala: — mas tu, Caio, podes também ficar triste, mais desesperançado e decepcionado com isso!

Posso. É claro que posso.

E sabes, Caio, o que acontecerá se apenas ficares triste e não fizer nada?! pergunta a massa encefálica, concluindo logo em seguida: — Nada.

Caio Ceragioli

27 ANOS, FORMADO EM LICENCIATURA EM ARTE-TEATRO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” — UNESP E ATOR PAULISTANO, CRIADO NO INTERIOR DO ESTADO, EM UMA CIDADE CHAMADA ITAPIRA. É MEMBRO DA CIA. TEATRO DE DESINVENTOS, CIA PLASTIKONÍRICA E DA BANDA RELAMPIANDOS. COM A CIA TEATRO DE DESINVENTOS, GANHOU O EDITAL PROAC PRIMEIRAS OBRAS EM 2013 COM O ESPETÁCULO (NOSSAS) VIDAS SECAS OU SOMOS TODOS ESTRANGEIROS?. COM O ESPETÁCULO O RIO DA CIA PLASTIKONÍRICA, PARTICIPOU DE VÁRIOS FESTIVAIS NACIONAIS E INTERNACIONAIS (MÉXICO, PORTUGAL E REPÚBLICA TCHECA). JOVEM MONITOR CULTURAL NO TEATRO ALFREDO MESQUITA.

Estátuas Reversas

Às mulheres que esperam à porta, que nunca abre.
Às mulheres que esperam seus marinheiros
De longas viagens e guerras voltarem,
Pelos mares do Sul e pelos mares do Norte.

Às mulheres sem sorte...

A essas pobres, pobres mulheres,
Que sonham com olhos de vidro
E têm por senhores a Morte de marfim!
Às cantoras de bocas em botão

Procuram entre os oceanos o ouro de aluvião...

Gozam elas dum retórico sortilégio!
Delas, os destinos não se cumprem,
Pois as ruas donde pisam são feitas de nuvens,
E o amor se perde em meio às máscaras das estrelas...
Dores e lágrimas: claramente, posso vê-las!
Quão distantes são os caminhos
Para que duas mãos se encontrem, mas não se machuquem!
Ai, essas mulheres, tristes mulheres! Mulheres sozinhas...
Flores? Beijos? Amor? (Hipóteses amarradas ao vento).

...e do ventre – morada escura de seu infeliz rebento,

Não sabem se nascerá uma vida, uma gota d'água,
Uma vela, um túnel, uma existência crucificada!
Se se clarificam por uma esperança doce,
Se se deixam guiar pelos oceanos vazios de seus maridos,

Hão de entristecer 'inda mais os olhos feridos!

Como gritam, como rogam e como imploram
À Afrodite um pequeno favor dos Céus:
"Para as donzelas sofredoras, para as donzelas humilhadas,
Substitua o baú de barro onde mantém as sombras dos amantes,
Por um de espelhos!" (Acalentadas serão pelas alegrias retirantes!)

A taça

Sonhemos, amor meu! A terra que nos cala
O beijo nosso é um triste recanto da dor!
Ao som do Urutau, tudo sobre nós resvala e
Perde-se no seu doce canto de clamor...

Por prados, pelas montanhas e pelos vales,
Vagaste para além do lindo horizonte!
Esqueça-te das dores...bem aí, não há males
Em ti! Goza-te da viagem com Caronte...

Amor, deixa-me a ti eu seguir...seguir teus passos...
Que o mar todo se abra e sepulte-me no fundo!
Quero ver-te n'alma a grandeza dos Espaços,

E assim, feliz, dar meu último adeus para o Mundo!
Ó, Mundo vão! Ergo a tua Taça, docemente...
Bebo-a e faço-me Anjo, a Estrela eternamente!

Caio Huzak

FORMADO EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE E,
ATUALMENTE, CURSA PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA E LÍNGUA PORTUGUESA.
DESDE OS QUINZE ANOS, ADORA ESCREVER POEMAS E O HÁBITO DE LER SEMPRE SE
FEZ MUITO PRESENTE EM SUA VIDA. TEM A PRETENSÃO DE ESCREVER ROMANCES E
DE PERSCRUTAR CADA VEZ MAIS O CAMPO DAS LETRAS.
JOVEM MONITOR CULTURAL NO TEATRO CACILDA BECKER.

Sonho?

Tive um sonho:

Dos mucambos aos recôncavos

Da senzala aos Quilombos

Cantávamos tristes

Pois, a liberdade que viste

Não passava de farsa

Plano que Inglaterra agrada

Poder econômico?

Possibilidade de comercial
expansão?

O pretinho atônito

Vende frutas no chão

Bêbado Pai

Putá Mãe

Um morre no cais

A outra clama à lansã

Terreiro, terrenos e terras

Expulsos e desapropriados

Nem donos de seus corpos:
mãos e pernas

Chore céu, chore pelos seus
escravos

Casa, castelo, barraco

Novos marginais

Surge Brasil, Surge São Paulo

O povo foge dos “fétidos
animais”

Favela: dor e sofrimento

O filho implora por alimento

E alimentado pelo ódio

O preto vai pro pavimento

Servir ao dono do ócio

Burguesia: arte e poesia

Explora, mata, chacina

Higiene: uma politica de gênese

Para branquear o país

Faz nosso povo nobre mais feliz

Pária amado, não tem mãe gentil

Rebola, Criolo?

Rebola no morro

A música: grito de sufoco

Um samba, um jazz

Assobia o garoto que limpa
seus pés

Olha a preta:

Dança que é uma beleza

Amanhã vai na feira

Recolher o legume revés

E a morte?

Como a revolução

Não será televisionada

“La vai o camburão

Mais um pretinho na calçada”

“Vagabundo, queime no
inferno!”

“Menos um pra roubar meu
branco neto!”

“Morreu de parto”!

“Vagabunda, suja!”

“Quem mandou ter dado?”

Acordei, náuseas

Tormento, confusão

Substituem minhas palavras.

MEU NOME É CAMILA, **Camila Araujo** PRA SER MAIS PRECISA, PORQUE TEM MUITAS CAMILAS NESSE MUNDO. SOU APAIXONADA POR ESTÓRIAS E HISTÓRIAS, ADORO UM BOM LIVRO E BOAS POESIAS E ÀS VEZES ESCREVO ALGUMAS COISINHAS MOVIDAS POR ESSA PAIXÃO. TENHO 20 ANOS, ESTOU CURSANDO O TERCEIRO ANO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA USP. MORO NA CIDADE TIRADENTES, LUGAR ONDE CRESCI EM TODOS OS SENTIDOS E INICIEI MINHA JORNADA PRA COMPREENSÃO SOBRE QUESTÕES ÉTNICAS, CULTURAIS DE GÊNERO E CLASSE. [FOI JOVEM MONITORA CULTURAL NO CENTRO DE FORMAÇÃO CULTURAL DA CIDADE TIRADENTES].

(Letra de um Rap)

1984, olha só o relato

A quebrada nascia do Brasil
Mais um parto no fundão da Leste
O sopro da morte era fato
Chamavam de fim do mundo o buracão da Zona Lost
Largados de canto para viver a própria sorte
Mas sem conhecer, pode crer
Inventavam os nomes pelo que viam na TV
Pré-julgamento que aos poucos ia mudando
Olha só
Tô falando quebrada que só tem guerreiro
Que aos poucos tão conquistando
Através do som da dança, a arte grafite
Esforçados, nunca desistem
280 mil habitantes em uma busca constante
Ser feliz, ir adiante
Lapidados por Deus, feitos pedra de diamante
Entre ruas e vielas, casas e muitos prédios

Viver aqui antes era um tédio
Terminal São Matheus, Carrão e Tatuapé
Pra poder ir ao trabalho
E não irem a Pé
As únicas linhas que tinham
A senhora reclama, aos poucos ia se instalando
A infraestrutura urbana
Progresso pra quem só via descaso
Ao meio de muito verde
Pras crianças, espaço pra brincar sem sapato
Se sujar de barro
Infelizmente é passado, agora brinca entre carros
Até que enfim, chegou a evolução
Se instalou, palmas pra nós
Vamos comemorar
21 de Abril, faz 27 anos
Algumas coisas ruins, é passado, eu confesso
Agora só coisas boas presentes
É o progresso para um pouco
E veja o que meu bairro oferece

Um grande hospital, 2 AMAS,
14 UBS's

Se achar bom, tem muito mais

A nossa gente merece agências
bancárias

Dois CEU'S e duas ETEC'S

Olha só como era e agora as
condições

1 Studio público de gravações
São Paulo é assim, dá valor a
quem tem dom

Tem o Centro Cultural em
Construção

Mais conhecido como Instituto
Pombas Urbanas

Quem é, não reclama, se mexe,
vai atrás, não é só virá.

Dois equipamentos culturais,
aliás profissionais

Competentes, criando o Centro
Cultural Cidade Tiradentes

Dando a volta por cima, agora
alegria pura!

Vamos ter também a fábrica de
cultura

O Progresso é bem vindo

Obrigado a quem tá no poder
fazendo o certo

Ajudando a crescer

Deixa de lado a visão de bairro
violento

O baixo de IDH vai pra lá

Não queremos, mas assumimos
a postura de Bairro capaz

Olha só o que eu falo, melhoria
pra nós crescer

Junto com São Paulo

Não queremos ser melhor e
nem pior que ninguém

Paz e muito progresso aos
moradores

Amém.

Carlos Goff

NASCEU NO BAIRRO DE ITAQUERA, SÃO PAULO, EM 10 DE JANEIRO DE 1989. INICIOU SUA FORMAÇÃO ARTÍSTICA NO ANO DE 2013, FAZENDO CURSO DE TEATRO E DANÇA NO CENTRO DE FORMAÇÃO CULTURAL CIDADE TIRADENTES. EM ABRIL DE 2013, PARTICIPA DO CURSO DE TEATRO, PROMOVIDO PELO PROGRAMA VOCACIONAL, SOB A ORIENTAÇÃO DE ANDRÉ BLUMENSCHNEIN. NO MESMO ANO, CARLOS TAMBÉM PARTICIPOU DO VOCACIONAL DANÇA, COM A ARTISTA ORIENTADORA MORGANA SOUSA. COM ALGUNS AMIGOS, CRIA A COMPANHIA GRAMA VERDE DE TEATRO, ATUANDO NA PEÇA TEATRAL "PEGA-TROUXA-DE-PAPO-FURADO", COMO SENHOR DOUTRINA E BURRO. TAMBÉM COM A COMPANHIA, ATUA NO ESPETÁCULO "HISTÓRIAS DE BOBOS, BOCÓS, BURRALDOS E PASPALHÕES", PATROCINADO PELO PROGRAMA VAI (VALORIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS). JÁ EM 2015, PARTICIPOU DO CURTA-METRAGEM "QUITÉRIA" DO 1 FESTIVAL DE CINE INCLUSÃO. ALÉM DE ATUAR, CARLOS É FOTOGRAFO, COMPÕE E CANTA SUAS PRÓPRIAS MÚSICAS, QUE FALAM SOBRE SEU COTIDIANO, AMIGOS, FAMÍLIA, TRABALHO; E PRETENDE LANÇAR SUA PRÓPRIA MARCA DE ROUPAS NOS PRÓXIMOS ANOS.

ESCRITOS

(Poesia Rap)

Ser ou não ou ser

Ser ou não ou ser eu quero saber
a humanidade existe então me diga pra que
o que você que você que ser quando você crescer
será que nessa pauta vamos poder escolher...
a vontade de existir a vontade de exercer
trabalhar e construir produzir e poder ter
a verdade mais real do que é um ser
então procure saber que você vai entender
manipulados por poder só querem vender
as regras só existiram pra prender e corromper...
O que eles dizem que é certa erra pra poder ter
tanto o errado como o certo é confundido no poder
dinheiro é dinheiro e muitos querem ter...

Bruno Bezerra Trindade

a diferença entre mundos que divide o que é um ser
um mais baixo outro alto elevações no decorrer
mas a mente inteligente dá a volta pra vencer
estudando e evoluindo o que está tá dentro de você...

O sentimento desse ritmo que poderá dizer
misturado entre flautas tocado um por um ser
que ao momento existiu ao mostrar que aprendeu
que mudou sua história mas não se corrompeu.

ESCRITOS

Bruno Bezerra Trindade

ATIVISTA CULTURAL SITUADO NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO. CONHECIDO COMO "MURINGA DSP", GANHOU SEU APELIDO AINDA QUANDO CRIANÇA, DURANTE UMA BRINCADEIRA ENVOLVENDO GRAVADORES DE FITAS CASSETTE E VERSOS. MUITOS VERSOS. INSPIRADO PELAS BANDAS E ARTISTAS DO SEU BAIRRO, COMO ENSAIO GERAL, SÚDITOS DO REGGAE, IGOR MEIRA MAIA E COMPLÔ DOS OPRIMIDOS, VIU DESPERTAR SUA PAIXÃO PELA MÚSICA, EM ESPECIAL PELO RAP, E COMEÇOU SUA TRAJETÓRIA. HOJE, MAIS DE OITO ANOS DEPOIS, MURINGA É MC E ARTICULADOR NO MOVIMENTO HIP HOP, EXPRESSANDO SUAS IDEIAS POR MEIO DO RAP E DO GRAFFITI E PELA PRODUÇÃO DE EVENTOS QUE BUSCAM EXPANDIR E FORTALECER A CENA DE ARTISTAS INDEPENDENTES.

ATUA COMO JOVEM MONITOR CULTURAL NO DEPARTAMENTO DE CIDADANIA CULTURAL DA SMC DESDE O INÍCIO DE 2015, PROPONDO E DANDO VIDA A PROJETOS QUE FAVORECEM COMUNIDADES E APROXIMAM COLETIVOS E ARTISTAS INDEPENDENTES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS. MURINGA DPS DESENVOLVE SUAS IDEIAS DENTRO DO CONTEXTO DE LIBERDADE QUE PERMEIA SUA ARTE, LUTANDO POR CULTURA, EDUCAÇÃO E SAÚDE PARA A PERIFERIA, DIA APÓS DIA, TRANSFORMANDO SONHOS EM REALIDADE.

DIÁRIO DE BORDO

de Aymée Beatriz Vicente

O Programa Jovem Monitor Cultural é muito interessante, pois te leva a viver novos, novos cenários. É uma experiência sensacional, relacionando teoria e prática, conhecimento e ação, realidade e fantasia, ao te levar para um passeio no mundo das artes, seja através do teatro, da música, da dança, da escrita...

A minha passagem no Programa, embora breve, despertou mais ainda o meu interesse pelas ações de cidadania e cultura. Me levou a ver como a cultura é uma ferramenta importantíssima para o empoderamento de seus atores e como ela contribui para a efetivação de direitos e conquistas. Mais ainda, me fez ver como a periferia está tão próxima e tão distante de nós e que, graças às ferramentas artísticas e culturais, pouco a pouco vem ganhando espaço em nossa cidade.

Então, espero que o Programa Jovem Monitor Cultural cresça cada vez mais e desperte o olhar, não só dos monitores, mas de todos nós, como sociedade civil, para as artes e para a periferia. Que possamos nos empoderar de nossos espaços públicos e de nossos direitos e que não nos cansemos de lutar por aquilo que é nosso, que nos é de direito.

Memórias - Meu diário de Bordo

(...)“Faço questão de parabenizar os Jovens Monitores do Equipamento! Nos receberam super bem e suas explicações sobre o CFCCT e seus espaços foram muito boas! Eles trouxeram ao conhecimento muitas informações bacanas: desde a luta da comunidade local para a construção do espaço à tematização da Biblioteca em Direitos Humanos, também solicitada pela população de Cidade Tiradentes. O espaço é muito legal! Super amplo, arejado, bem iluminado e

bem distribuído. Foi fácil perceber que a população tem um carinho e cuidado muito grandes pelo espaço. Embora a integração com a comunidade ainda não esteja totalmente concluída (na área verde atrás do CFCCT, percebi que ainda não há uma escadaria ou rampa de acesso e que a população sobe e desce um pequeno barranco para ir de um ponto a outro), a circulação é livre em todo o tempo. Os grafittis feitos nos espaços dão um ar divertido, mas ao mesmo tempo, me fizeram pensar sobre muitas coisas: liberdade de expressão, direitos, vida em sociedade, sensação de pertencimento e posse, identidade... (...) Esta luta é nossa, também. Enquanto retornava para a minha casa, percebi como a Zona Leste, uma região tão importante para toda a cidade de São Paulo, com uma história tão rica, foi tão abandonada e esquecida. Mas a periferia, em sua simplicidade, traz como sua identidade a garra, a luta. Alegrias e tristezas. Marcas tão suas, tão características. E como bem disse Kaab Al Qadir, contrariando o que muitos dizem por aí, “A periferia não é um cancer da sociedade, a periferia só quer educação, cultura, lazer, saúde, respeito, dignidade“. Também nos faz pensar, como disse J.W. Papa, quem é realmente o problema do sistema em que vivemos. ”O grande problema da periferia não são as pessoas de lá, e sim a ignorância do sistema que, sem se dar conta, cria os próprios monstros que subvertem-no”

Aymée Beatriz Vicente

MEU NOME É AYMÉE, TENHO 23 ANOS E SOU DE SÃO PAULO, CAPITAL! SOU GRADUADA EM GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTOU FINALIZANDO A ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE PROJETOS CULTURAIS. QUANDO ADOLESCENTE, FIZ PARTE DE UM GRUPO DE TEATRO VOCACIONAL, EM UMA CASA DE CULTURA PRÓXIMA A MINHA RESIDÊNCIA E AULAS DE VIOLINO, TAMBÉM EM MINHA ADOLESCÊNCIA. SEMPRE TIVE UMA PAIXÃO POR ARTES, POR MÚSICA... GOSTO DE AJUDAR... FIZ/FAÇO TRABALHOS VOLUNTÁRIOS EM ABRIGOS DE ANIMAIS, ORFANATOS, MEIO AMBIENTE E COM MORADORES DE RUA. RECENTEMENTE ME JUNTEI AO GRUPO DE VOLUNTÁRIOS DA ANISTIA INTERNACIONAL. GOSTO DE VIAJAR, DE COZINHAR, DE FAZER TRILHAS, PRATICAR ESPORTES, DE LER... ATUALMENTE ESTOU NA SME/PMSP, MAS NÃO DEIXO DE LEVAR A SMC E A EQUIPE PÓLIS NO CORAÇÃO! AOS PRÓXIMOS JMCs, APROVEITEM A EXPERIÊNCIA E O APRENDIZADO.

DIÁRIO DE BORDO

de Vitor Augusto Luz da Cruz

Na formação que aconteceu na Biblioteca Monteiro Lobato, a diferença entre o funcionamento dos teatros (onde reside minha experiência até o momento) e das bibliotecas municipais ficou explícita. O espaço também foi algo novo, uma biblioteca (vizinha) que eu não sabia que existia. Respeito máximo pelas mulheres a nós apresentadas, pois enxergo – de dentro, especialmente – a dificuldade que é gerir um espaço desses. Administrar em si é algo que requer faculdades que estou nesta formação para aprender “um pouco”, e na administração pública, ou “gestão”, são adicionados mais percalços e entraves. Burocracia em cima de burocracia, atraso nos processos. A própria seleção deste programa é um exemplo. Travada há quase um mês. Erro humano? Sim, erro humano. Mas é uma máquina pública. Ela deve no mínimo funcionar corretamente, pois existe um serviço ou bem público a se zelar. Portanto quando falamos de “gestão de equipamentos públicos”, pela vivência na formação prática, observação e também como usuário, tem que matar vários leões por dia. O leão do interesse alheio. O leão do partido político. O leão da falta de funcionários. O leão de ter que ser o leão do designado equipamento, enfrentar as críticas do público (que são cuspidas na linha de frente, no atendimento – aonde nós usuários chegamos com facilidade) e mediar as “tretas” burocráticas da máquina pública. Em suma, neste dia conheci mais algumas guerreiras da cultura.

No evento sobre a Saúde Sexual, fiz questão de sair correndo da faculdade para pegar um trecho do período da manhã. Que bom que o fiz. Muito esclarecedores, mesmo nesta sociedade globalizada do Google.com, eles conseguiram me clarear algumas dúvidas que ainda me rondavam acerca do assunto. E preciso enaltecer a necessidade de

espaços onde se possa discutir aberta e dignamente sobre sexualidade, sem medo da represália heteronormativa que sutil pode ser um “ui” no canto da sala – que feliz e muito gratificadamente não aconteceu. Na verdade, este programa me aproximou de homens heterossexuais que estavam extintos no meu ciclo de amizades. Isso também é preconceito. Mas, tenho hoje bons amigos jovens monitores heterossexuais que sabem da minha homossexualidade e são completamente tranquilos com o assunto. E fico aqui confortável pra dizer que eles são tranquilos. No sentido de ser surpreendido ao ser abraçado por um deles... pois até então eu havia me educado para manter uma distância física e visual – de homens heterossexuais – para evitar conflitos.

Adorei o CRDD (Centro de Referência e Defesa da Diversidade), já voltei a visitar. Conheci pessoas incríveis – que futuramente homenagearei com algum personagem – que em outros lugares eu não conheceria. Pessoas que eu entendo o que sofrem, mas não imagino a proporção. E volto a mencionar o termo “pinta light” que me foi apresentado e faz todo o sentido, se a pessoa não estiver procurando um homossexual na rua, eu talvez passe despercebido. Alguém T não passa despercebido. E se passa é porque conseguiu enquadrar-se no padrão de beleza – e isto não é uma crítica. Coordenadores são guerreiros e pessoas T são deuses guerreiros, na minha metáfora que cabe apenas neste texto.

Mas volto a dizer, que bom que eu fui no período da manhã. Pois, com a Drag que recebemos – todo respeito às drags – eu percebi a repetição de alguns estereótipos que deviam ter ficado fora do discurso e longe daquele espaço – e talvez desse tempo. Assistiria sem problemas a um show dela, me divertiria como me diverti, mas na hora certa, numa boate ou quem sabe num barzinho – onde a proposta seja diversão e não formação. Ela me entreteve bem, me instruiu em nada.

Elogio e agradeço a presença de Leandro Noronha da Fonseca e Yasmin Nóbrega no corpo docente do Instituto Pólis, a vossa militância não passa despercebida, irmãos.

A formação sobre estéticas das periferias foi de conteúdo publicitário, de um trabalho que se apropria de “estéticas periféricas” e promove como seu.

Presenciei a fala do Gestor da Ação Educativa desgostoso.

São Paulo, 11 de Setembro de 2015

Vitor Augusto Luz da Cruz

20 ANOS, NASCIDO EM MOGI GUAÇU-SP. APRENDI A LER E ESCREVER COM A MINHA AVÓ ANTES DE INGRESSAR NA EMEI FARIA DE LIMA, ONDE CURSEI PRÉ-ESCOLA. SEGUIDA PELO COLÉGIO SELETIVO, CAMINHAR, COLÉGIO SÃO FRANCISCO E FINALMENTE E.E. LUIZ MARTINI NO ENSINO MÉDIO. ATUALMENTE JOVEM MONITOR DA CIDADE DE SÃO PAULO, CURSO RÁDIO, TV E INTERNET NA FAPSP. APAIXONADO PELO AUDIOVISUAL E PELAS ARTES CÊNICAS. ASPIRANTE A CINEASTA, VIM À CAPITAL PARA ABSORVER O MUNDO PARA PODER COLORI-LO COM PIXELS. JOVEM MONITOR CULTURAL NO TEATRO JOÃO CAETANO.

DIÁRIO DE BORDO

de Júlia Figueiredo Murta de Araújo

Produção literária na periferia: uma experiência nos saraus da Zona Sul de São Paulo

Minha primeira visita a um sarau da periferia da zona sul de SP, foi no Sarau do Binho em 2010, sarau que acontece às segundas-feiras em um bar, aberto a todos os públicos que quiser ler sua poesia ou apenas prestigiá-la comendo um gostoso pastel feito pela cozinha do bar, ou a tradicional feijoada às quartas-feiras.

Já em 2011 conheci o Sarau da Cooperifa (Cooperativa de Poetas da Periferia) e compartilhei das comemorações dos 10 anos de existência condensadas em sua Mostra Cultural, com debates, feiras e distribuição de livros como a coletânea O Rastilho da Pólvora - Antologia poética do sarau da cooperifa, que são poesias escritas por artistas cooperiféricos (escritores apoiados e lançados pela Cooperifa) condensadas em um livro e lançada pelo sarau e o livro Colecionador de Pedras do escritor e produtor cultural, criador do sarau, Sérgio Vaz.

O Sarau da Cooperifa também acontece em um bar, mas do “Seu” Zé Batidão, onde presenciei tanto dias normais de sarau, quanto dias de “Ajoelhaço”, no qual homenageava-se o Dia Internacional da Mulher onde poetas e frequentadores do sarau, ficam de joelhos e pedem perdão às mulheres; como também o dia de “Poesia no Ar” onde, depois de lidas todas as poesias, são amarradas em balões de gás e enviadas pelo céu por toda a cidade. Pude também, ler os livros da biblioteca disponíveis aos frequentadores e ler minha poesia à frente do público.

Periferia não tem museu, não tem cinema,
não tem nada. Na periferia tem boteco.
Então transformamos o bar do Zé Batidão
num centro cultural.

(Revista Gol linhas aéreas, 2010)

Este movimento literário diz respeito a uma produção contemporânea de textos nativos sobre a periferia. Ao fazer a leitura da realidade social que vivenciam, expressando-se pela escrita oral, estes escritores passam a produzir, à margem do mercado editorial, romances, contos, poesias e crônicas a partir do que denominam de ficção da realidade. A apropriação recente do termo “Literatura Marginal” parte, além da linguagem específica e da temática marginal, da significação social e cultural que estes escritores querem assim ser representados, além de uma produção que em geral contraria e questiona a norma culta. (Lienhard, 1998).

A expressão Literatura Marginal já configurava-se pela produção literária de autores como Carolina Maria de Jesus, Solano Trindade, Plínio Marcos, Austregésilo Carrano Bueno e outros. A reapropriação deste conceito tem início nos anos 1990 e compreende publicações de autores que, posteriormente se autodefiniram como “marginais”, apontando esta nova identidade coletiva por parte dos escritores da periferia.

Quando lancei o ‘Capão Pecado’ me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda... e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antonio e o Plínio Marcos e conheci o termo literatura marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era literatura marginal.

(Apud Nascimento, 2006)

A atribuição deste termo ganhou maior conotação a partir do lançamento da edição especial da Revista Caros Amigos, **Literatura Marginal: a cultura da periferia – Atos I, II e III**, publicados, respectivamente, nos anos 2001, 2002 e 2004. O escritor marginal Ferréz foi o criador, organizador e editor do projeto, convidando quarenta e oito participações, entre eles destaque Alessandro Buzo, Sérgio Vaz, Claudio Canto, Sacolinha e Allan Santos da Rosa. Ferréz foi também responsável pela edição especial **Literatura Marginal: a cultura da periferia – Atos I, II e III** da Revista Caros Amigos. Publicou também os livros **Capão Pecado** e **Amanhecer Esmeralda**.

A reunião destes escritores, que já vinham produzindo publicações independentes, consagra não apenas a expressão literária da periferia, mas um conjunto de ideias e vivências compartilhadas que permitiu um desencadeamento de ações sociais e de uma movimentação cultural nas periferias paulistanas.

Referências

- BUZO, Alessandro. *Favela Toma Conta*. Rio de Janeiro: Aeroplano (Tramas Urbanas), 2008.
- FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- SACOLINHA. *Estação Terminal*. São Paulo: Ed. Nankin Editorial, 2010.
- _____. *Como Água do Rio*. Rio de Janeiro: Aeroplano (Tramas Urbanas) 2012.
- _____. *Graduado em Marginalidade*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2009.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- _____. *Casa de Alvenaria*. Diário de uma ex-favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- _____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LIENHARD, Martin. *O mar e o mato*. Histórias da escravidão (Congo-Angola, Brasil Caribe). Salvador: EDUFBA, 1998.
- NASCIMENTO, Érika P. "Literatura Marginal". *Os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2006.
- VAZ, Sérgio. *Colecionador de pedras*. São Paulo: Global Editora, 2007.
- _____(org). *O Rastilho da Pólvora* – Antologia poética do sarau da cooperifa. São Paulo: Cooperifa, s/d.
- _____. "O biscoito fino que veio da massa". Entrevista de Sérgio Vaz à Revista Gol linhas aéreas, n. 105, 2010, p.131.

Júlia Figueiredo Murta de Araújo

POSSUI GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SOB FINANCIAMENTO PIBIC-CNPQ DA PESQUISA “JUVENTUDE E PRODUÇÃO LITERÁRIA: UM ESTUDO SOBRE VOZES MARGINALIZADAS NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO” SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. JOSÉ CARLOS GOMES DA SILVA. BOLSISTA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA PIBID. APRESENTAÇÃO DESTA MESMA PESQUISA X GRADUAÇÃO EM CAMPO, ORGANIZADO PELO NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA URBANA DA USP E XI CONGRESSO ARGENTINO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL. ATUALMENTE SE DEDICA AO PROJETO DE PESQUISA “COLETIVOS URBANOS EM SÃO PAULO: UM ESTUDO SOBRE AÇÃO CULTURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS”, SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. HENRIQUE ZOQUI MARTINS. JOVEM MONITORA CULTURAL, ATUA NO NÚCLEO DE CIDADANIA CULTURAL/PROGRAMA VAI DA SMC/SP.

imagi



46

Larissa Pinna



48

Carlos Goff



50

Juliana Frade



58

Jéssica Inácio da Costa



60

Ana Carolina S.M. Mazzotini



64

Wilson Lopes Neto



66

Abner Wilguer Rosa

narrários



54

Mariana Silva



55

Kamila Oliveira



56

Bruno Bezerra Trindade



68

Marcos Antonio Leite



62

Cleber Vieira



70

Octávio Bessa Luna





Larissa Pinna

SOU LARISSA PINNA, TENHO 22 ANOS, NASCI EM ILHABELA, LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO E ATUALMENTE MORO NA CAPITAL. ME FORMEI EM ARTES VISUAIS, POIS A FOTOGRAFIA É MINHA PAIXÃO.

A SEGUNDA É O SKATE, HÁ 7 ANOS TIVE O PRIMEIRO CONTATO E NUNCA MAIS DEIXEI O CARRINHO, ENTÃO JUNTEI AS DUAS COISAS QUE MAIS GOSTO E ATUALMENTE FOTOGRAFO O COTIDIANO DO LIFE STYLE SKATEBOARD E NAS HORAS VAGAS FAÇO PINTURAS EM SHAPES USADOS.

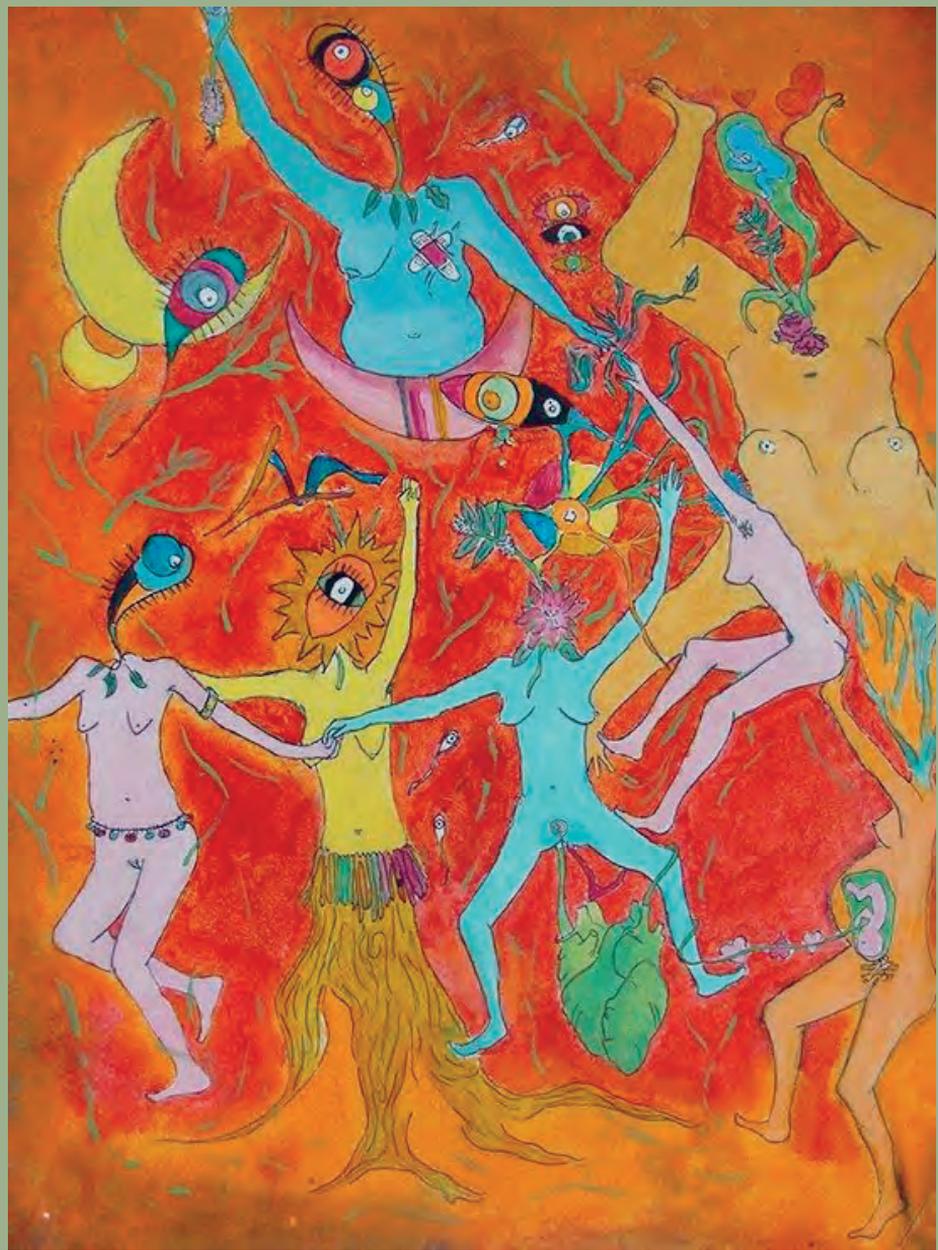


Carlos Goff



imaginários

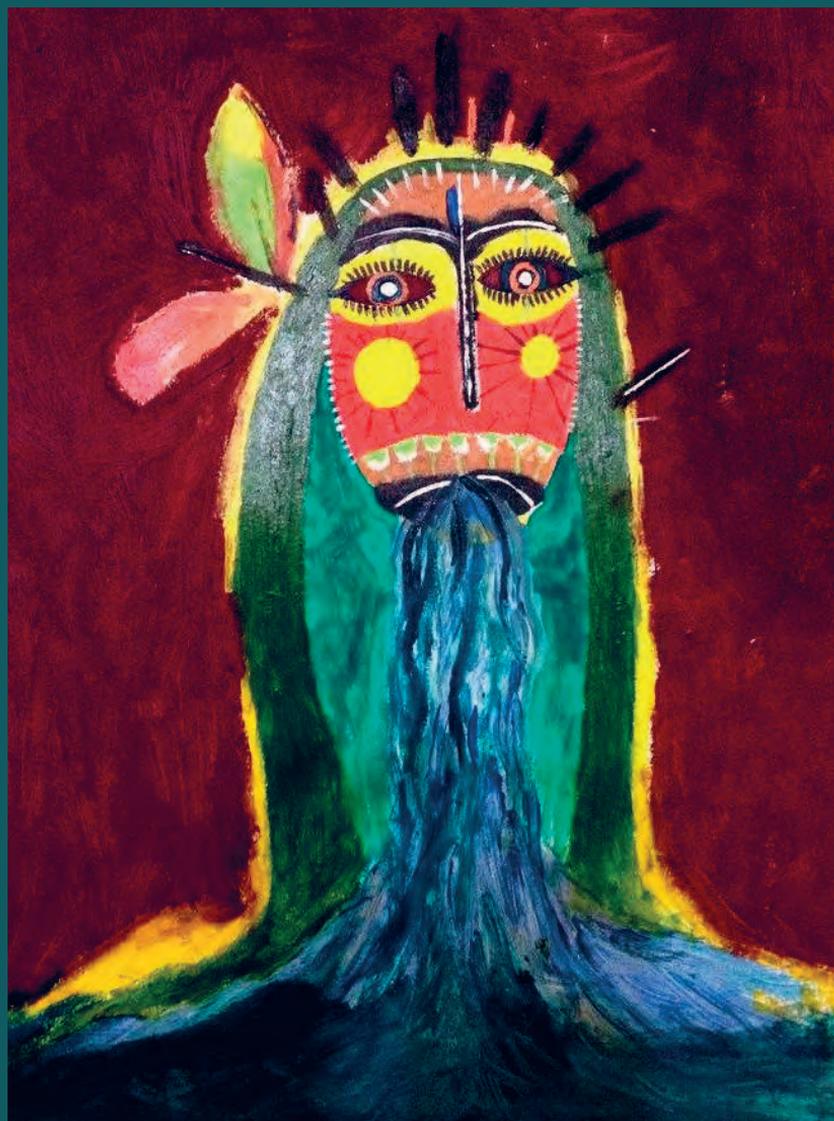
Carlos Goff



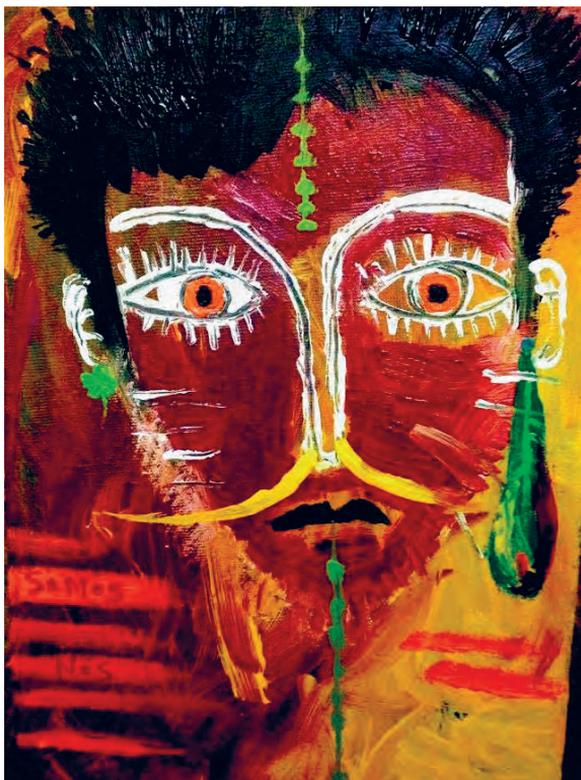
Juliana Frade

“Pensei em uma união entre nossos corpos e a natureza, a fertilidade das raízes sobre o vermelho-sangue no fundo e os embriões correndo em volta do óvulo enraizado. Os grandes olhos nos corpos das mulheres expõem a visão delas, que muitas vezes é colocada em lugar secundário. Aqui, tem espaço junto à natureza que é fértil como as mesmas”. Abril de 2015.

Juliana Frade



"Rio de dentro". Setembro de 2015.
Juliana Frade



“Contorno de mulheres”. Junho de 2015.

Havia necessidade...

De criar raízes,
de ter motivos,
de achar respostas.

Bastou a primeira raiz fixar-se para que ela se sentisse vazia.

Ora, não se pode preencher o vazio com o nada,
E ela continua na busca...

Juliana Frade

19 ANOS, JOVEM MONITORA CULTURAL NO NÚCLEO DE CIDADANIA CULTURAL.

ÀS VEZES É UM POUCO DOLOROSO ESCREVER SOBRE SI PRÓPRIA.



Por onde quer que eu vá,
por onde quer que eu fique,
ou por onde passar, minha
marca será única e exclusiva.

Cada um de nós carrega tudo
aquilo que passamos e todas
as marcas das pancadas e
das delícias da vida.

Seja no corpo, na memória,
nas escolhas ou até mesmo
em simples atitudes ou a
roupa que veste.

Seu lugar ninguém pode tirar,
e seu destino também só
pertence a você, então viva
e não olhe para o lado, pois
poderá ser mal influenciado,
ou achar que a conquista do
outro pode ser a sua.

Portanto viva!
Sobreviva!
Este será você!
Ser humano!
Sua cultura!

Mariana Silva

26 ANOS, JOVEM MONITORA CULTURAL NO TEATRO JOÃO CAETANHO.



“Se descobrir é apenas o começo da jornada”

Kamila Oliveira, ou Mya, moradora de Guaianazes há 22 anos, é designer de gráfica e de moda em início de carreira, atriz com 4 peças teatrais no currículo e figurinista voluntária de todas as CIAs artísticas do Centro Cultural ArenArt de Artur Alvim. Atualmente atua como jovem monitora cultural no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes.

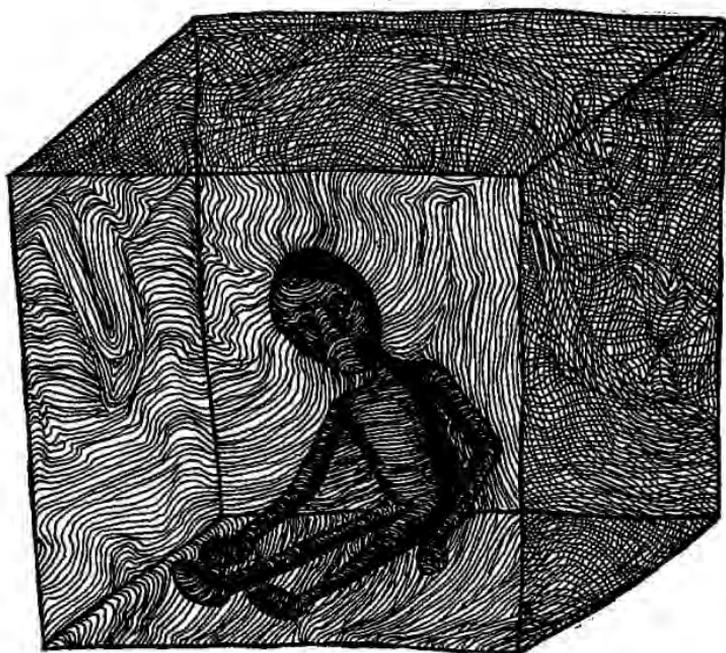


Bruno Bezerra Trindade



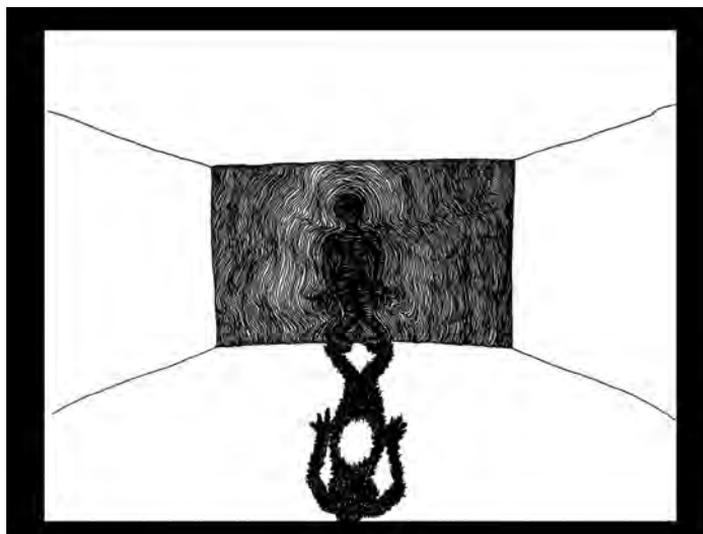
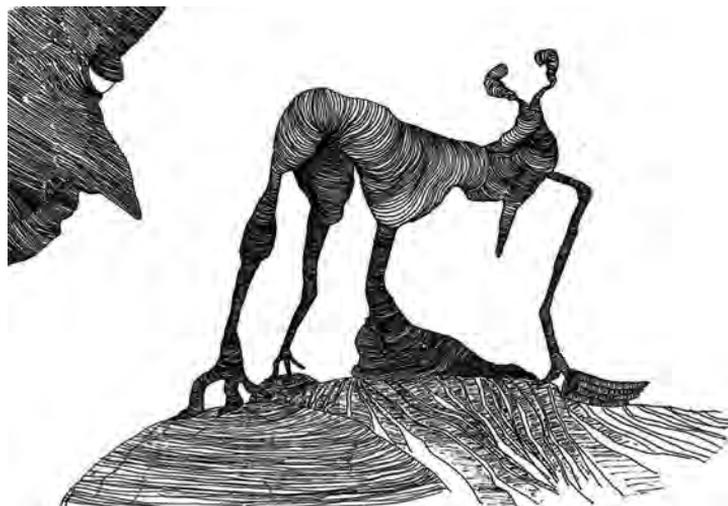
imaginários

Bruno Bezerra Trindade



De gaiola em gaiola,
de tela em tela:
a cidade não é só eu-
e sou eu só.
Mesmo nas gaiolas compartilhadas,
a solidão é razoavelmente bem distribuída.
De caixa em caixa:
a abertura é por onde o mundo entra em mim.

Jéssica Inácio da Costa



imaginários

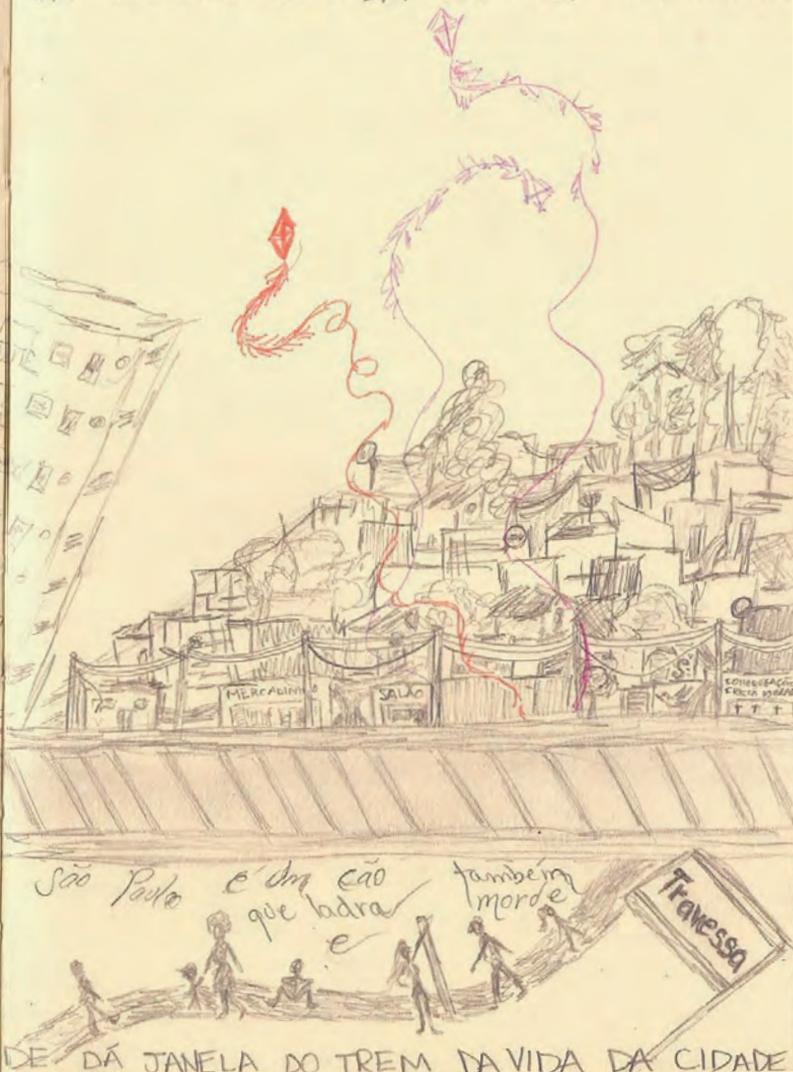
Jéssica Inácio da Costa

29 ANOS, É ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, INTEGRANTE DO COLETIVO CHISPA, MORADORA DO CANGAÍBA, ZONA LESTE DE SÃO PAULO. JOVEM MONITORA CULTURAL NO NÚCLEO DAS CASAS DE CULTURA.

DA JANELA DO TREM DA VIDA DA CIDADE



DA JANELA DO TREM DA VIDA DA CIDADE



imaginários

Ana Carolina S.M. Mazzotini



CFCCT - Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes



imaginários

Cleber Vieira

TEM 25 ANOS, É ARTISTA, ATUAL JOVEM MONITOR CULTURAL NO NÚCLEO DE FOMENTO À DANÇA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, INTEGRANTE DA COM[SOM]ANTES CIA DE ARTE E INTÉRPRETE-CRIADOR DOS ESPETÁCULOS *ciZA*, *O ÚLTIMO SILÊNCIO É A MORTE* E *MAR DE LEITE* OU *PONTO CEGO*. FORMADO TÉCNICO EM DANÇA PELA ETEC DE ARTES, E BAILARINO/DANÇARINO CLÁSSICO E DE JAZZ FORMADO PELO CENTRO DE ARTES PAVARINI. E É DESENHISTA E FIGURINISTA.



Galeria Olido, Uiu Lopes

foto que faz parte do Ensaio "Cultura e Sociedade"



Wilson Lopes Neto

TEM 22 ANOS E É BAIANO DE BRUMADO. VIVE EM SÃO PAULO HÁ MAIS DE DEZ ANOS, CINCO DELES DEDICADO A MÚSICA BRASILEIRA, ONDE ESTUDOU CANTO POPULAR NA ETEC DE ARTES (2010/11) E AUDITÓRIO IBIRAPUERA (2012/13), INTEGRANDO O CORAL DO AUDITÓRIO. DESDE 2010 SE APRESENTA EM CASAS DE SHOWS DA CENA PAULISTANA. ATUALMENTE INTEGRA O PROJETO “*Fio da Vibe*” ONDE TOCA MÚSICAS DE SUA AUTORIA E RELEITURAS DE CLÁSSICOS DA MÚSICA POPULAR. ESTÁ EM PROCESSO DE GRAVAÇÃO DE SEU PRIMEIRO DISCO QUE ESTÁ PREVISTO PARA SER LANÇADO EM 2016. JOVEM MONITOR CULTURAL NO TEATRO LEOPOLDO FRÓES.



Abner Wilguer Rosa



Abner Wilguer Rosa

JOVEM MONITOR CULTURAL DO CENTRO CULTURAL DA PENHA



Graffiti Moluco

Marcos Antonio Leite da Silva



O fardo é bem mais pesado aqui do outro lado

Marcos Antonio Leite da Silva



Janela do Buso

Octávio Bessa Luna



imaginários

Octávio Bessa Luna

Grafites no Pólis

Grafites realizados no terraço do Instituto Pólis durante a formação de jovens monitores/as com o tema “Cultura Urbana: A cultura Hip Hop”, em 19 de outubro de 2015.





ESCRITOS e imaginários

FOTO: LEANDRO NORONHA DA FONSECA, 2015

Grafites no Pólis





FOTO: LEANDRO NORONHA DA FONSECA, 2015

ESCRITOS e imaginários

Grafites no Pólis





FOTO: LEANDRO NORONHA DA FONSECA, 2015



FOTO: LEANDRO NORONHA DA FONSECA, 2015

ESCRITOS e imaginários

Sobre o Instituto Pólis

Fundado em 1987, o Instituto Pólis é uma Organização não Governamental de atuação nacional e internacional que atua na construção de cidades mais justas, democráticas e sustentáveis, por meio das seguintes áreas: Direito à Cidade e Reforma Urbana, Democracia e Participação, Inclusão e Sustentabilidade e Cidadania Cultural.

Para o fortalecimento da Cidadania Cultural, o Pólis trabalha com as culturas locais, as políticas de diversidade cultural e a interculturalidade; as práticas, metodologias e valores de convivência, não violência e cultura de paz; o trabalho em rede e a defesa da democratização da comunicação e das mídias livres. O Pólis propõe políticas públicas de culturas democráticas que valorizem o desenvolvimento humano e solidário, a troca de experiências interculturais de cultura municipais e a democratização da gestão; o fortalecimento de coletivos, grupos e redes de cultura e iniciativas culturais inovadoras da sociedade civil - além de debater os desafios contemporâneos relacionados comas questões de gênero e étnico-raciais (principalmente contra o genocídio da população negra).

No que tange o Programa Jovem Monitor/a Cultural, o Instituto Pólis tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento da cidadania cultural na cidade de São Paulo, através da formação desses/as jovens, promovendo reflexões a respeito do direito à cidade, da cultura de paz, da convivência em espaços públicos, da intervenção no território, da cultura alimentar, do desenvolvimento cultural local, economia solidária da cultura, entre outros saberes. Nesse Programa, atua juntamente com o Centro Cultural da Juventude (CCJ), a Ação Educativa e com a Gestão da SMC/SP.

Equipe Pólis do Programa Jovem Monitor/a Cultural (2014/2015)

Hamilton Faria – Coordenador Geral

Luiz Barata – Coordenador Executivo

Martha Lemos – Coordenadora Pedagógica

Wanda Martins – Coordenadora Administrativo-Financeira

Altair Moreira – Assessor de Formação Teórica

Valmir de Souza – Consultor de Formação Teórica

Leandro Noronha da Fonseca – Assessor de Comunicação

Iraci Oliveira – Assistente Pedagógica

Andréia Alves – Assistente administrativa

Luciana Mercante – Assistente administrativa

Janaína Santana – Auxiliar de articulação

Marcelo Freitas – Auxiliar de articulação

Ana Paula Prudêncio – Agente de formação prática

David Oliveira – Agente de formação prática

Felipe Nicassio – Agente de formação prática

Luis Carlos Ferreira (Endoque) – Agente de formação prática

Yasmim Nóbrega – Agente de formação prática

CATALOGAÇÃO NA FONTE
Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais
Centro de Documentação e Informação

Instituto Pólis, Jovens Monitores/as Culturais

Escritos e Imaginários / Valmir de Souza, org. -- São Paulo : Instituto Pólis, 2015. 80p.

Projeto “Jovem Monitor Cultural”

ISBN 978-85-7561-068-8

1. Poesia. 2. Ação cultural. 3. Juventude. 4. Políticas públicas. 5. Coleção de escritos variados. 6. Literatura brasileira. 7. Políticas Culturais. 8. Hip hop. 9. Grafite. I. Título. II. Polis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais. III. Rosa, Abner Wilguer. IV. Mazzotini, Ana Carolina S. M. V. Vicente, Aymée Beatriz. VI. Trindade, Bruno Bezerra. VII. Araújo, Júlia F. Murta de. VIII. Ceragioli, Caio. IX. Huzak, Caio. X. Araújo, Camila. XI. Goff, Carlos. XII. Vieira, Cleber. XIII. Valentin, Igor. XIV. Costa, Jéssica Inácio da. XV. Frade, Juliana. XVI. Oliveira, Kamila. XVII. Pinna, Larissa. XVIII. Leite, Marcos Antônio. XIX. Silva, Mariana. XX. Félix, Mirna Neit. XXI. Luna, Octávio Bessa. XXII. Silva, Rafael Vitor da. XXIII. Cruz, Vitor Augusto Luz da. XXIV. Lopes Neto, Wilson.

CDD 808.88



O trabalho *Escritos e Imaginários de Jovens Monitores/as Culturais* está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial - SemDerivações 4.0 Internacional

primeira edição | Janeiro de 2016
tiragem | 1.000 exemplares
impressão | Graphium Editora
papel de miolo | Couchê fosco 115g/m²
papel de capa | Triplex 250g/m²

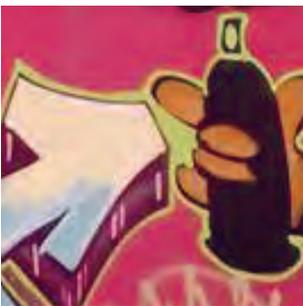
Instituto Pólis
Rua Araújo, 124 – Centro – São Paulo / SP – Brasil – CEP 01220-020
www.polis.org.br



Entre ruas e vielas, casas e muitos prédios

Viver aqui antes era um tédio

um ser
que ao momento existiu ao mostrar
que aprendeu
que mudou sua historia mas não se
corrompeu.



É tanto rosto,
tanta gente,

Às mulheres sem sorte.

Eu era moleque de laje

alguém me explica
o seu parecer

Eita ciclo diverso este
em que vivemos



realização

